

Manifestação popular atrasa a cerimônia no Palácio

BRASÍLIA — Com mais de duas horas e meia de atraso, motivado principalmente pelo envolvimento popular no cortejo pelo Eixo Rodoviário Sul de Brasília, a cerimônia fúnebre e religiosa realizada no Salão de Honra do Palácio do Planalto foi o primeiro ato oficial em memória do Presidente Tancredo Neves. O Cerimonial calculou que o ato seria realizado entre 15h30m e 16 horas, mas começou somente às 18 horas.

Sem contar com esse atraso, o Cerimonial da Presidência da República convocou todas as autoridades que não podiam ir à Base Aérea (ministros de Estado, parlamentares, governadores e suas respectivas esposas) para comparecerem ao segundo andar do Palácio do Planalto às 13 horas (pois eles previam que o corpo de Tancredo Neves estaria já em Brasília àquela hora). Entre os políticos, autoridades, jornalistas e funcionários, havia cerca de duas mil pessoas no Salão de Honra.

O resultado é que a grande maioria dos parlamentares ficou sem comer ou beber, durante toda a tarde, e em pé no Salão de Honra, onde somente havia cerca de 40 cadeiras para as principais autoridades e os parentes. A arrumação do segundo andar do Planalto foi feita pela manhã, quando chegaram de São Paulo os materiais necessários.

Junto à porta da rampa, o Cerimonial colocou um painel branco com escultura de um Cristo sem cruz, com os braços para baixo e os pregos nas mãos. Em frente foi colocada uma essa coberta de veludo vinho, sobre a qual, mais tarde, ficou o caixão de Tancredo Neves. Ladeavam a essa dois castiçais de cerca de dois metros de altura, com círios. Aos pés da essa numa banqueta coberta por almofada de cetim, estava o Grande Colar da Ordem do Mérito Nacional.

Devido à longa espera e a problemas de espaço no segundo andar, logo começaram os problemas envolvendo jornalistas, transferidos para o mezzanino do terceiro andar, com vista parcial e de cima do Salão de Honra.

Foram disparados 21 tiros de canhão, e quando o caixão entrou no Salão de Honra, todos os presentes aplaudiram. A missa foi rezada pelo Bispo de Brasília, Dom José Falcão e o acompanhamento musical ficou a cargo da Orquestra Sinfônica de Brasília e do Madrigal de Brasília. Foram executadas a "Sinfonia Fúnebre", do Padre José Maurício Nunes Garcia; "Memento Barroco", de Damião Barbosa de Araújo; "Three Responses", de G. P. de Palestrina e "Dona Nobis Pacem", da Missa em Si Menor de J. S. Bach.

A emoção do momento levou vários dos presentes ao choro. Abraçados, o Secretário Especial Mauro Salles e o Ministro das

Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, não conseguiram conter as lágrimas. A cantora Fafá de Belém chorava no ombro de um jornalista.

Em meio à cerimônia, às 18h15m, o neto de Tancredo Neves, Aécio Neves Cunha, acompanhado por três ajudantes de ordem, retirou a tampa de madeira que cobria o vidro sobre o rosto do Presidente Tancredo. O primeiro momento foi de emoção, com as pessoas tentando ver o rosto do falecido Presidente, principalmente as que estavam no mezzanino. Pelo cerimonial, caberia a Sarney abrir o caixão, mas ele preferiu não fazê-lo.

Ao final da cerimônia, o Presidente José Sarney e D. Marly levantaram-se e ajoelharam-se diante do ataúde de Tancredo Neves, retornando em seguida ao local onde estava D. Risoleta. Eram 18h30m e estava encerrada a cerimônia. D. Risoleta e a família, seguindo o exemplo de Sarney, retiraram-se. Formando uma fila, cumprimentaram os parentes todos os Governadores estaduais, todo o Ministério, parlamentares e funcionários do segundo escalão, e o Presidente das Organizações Globo, Roberto Marinho, com a mulher Dona Ruth.

As 18h50m, D. Risoleta e seus filhos retiraram-se do Salão de Honra subindo

O Cerimonial previa que o Presidente José Sarney abrisse o caixão, mas ele passa a tarefa para Aécio, neto de Tancredo

a rampa interna que leva ao mezzanino do terceiro andar, e seguiram para o gabinete de Tancredo Augusto, perto da sala do cerimonial. No momento em que chegavam ao terceiro andar, a segurança tentou evitar os "flashes" dos fotógrafos e as luzes das televisões.

Com a saída da viúva de Tancredo Neves do Salão de Honra, instalou-se o caos, pois as pessoas acorreram ao caixão guardado e isolado até então por seis cadetes das três armas. Formou-se um grande tumulto em torno do caixão, todos se acotovelando para ver o rosto de Tancredo Neves, apesar de, naquela altura, o vidro estar embaciado.

Muitos parlamentares conversavam na rampa interna, alguns ruidosamente, até que por duas vezes o locutor oficial do Palácio do Planalto pediu que todos deixassem a rampa, pois ela poderia não aguentar o peso de tanta gente. O tumulto continuou por alguns minutos, até que foi encerrada a visitação para as autoridades que ali estavam. Começou a visitação pública, esperada desde a manhã pelo povo aglomerado na Praça dos Três Poderes.



Amparada pelo filho, o advogado Tancredo Augusto, Dona Risoleta observa carinhosamente o rosto do marido no esquife



O Presidente das Organizações Globo, Roberto Marinho, e sua mulher, Dona Ruth, cumprimentam Dona Risoleta e seus parentes



★ 1910 † 1985